

---

## O discurso jornalístico e a ideologia neoliberal: uma transformação do discurso político-ideológico no campo do Outro<sup>1</sup>

Thaís Gomes TEIXEIRA<sup>2</sup>  
Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### RESUMO

A partir da análise discursiva do editorial do jornal da Folha de São Paulo, este artigo tem como propósito identificar os atravessamentos no funcionamento do discurso jornalístico, assim como compreender de que maneira a interpelação da ideologia neoliberal no discurso jornalístico desloca o discurso político-ideológico do campo do Mesmo para o campo do Outro, produzindo efeitos de sentido que se cristalizam no imaginário social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso; Discurso Jornalístico; Comunicação; Discurso Político; Neoliberalismo.

### INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, percebemos o discurso jornalístico se colocando cada vez mais ao lado dos interesses das classes dominantes. Essa transformação, porém, não desloca em nada a posição-sujeito da instituição imprensa, como será demonstrado ao longo do artigo. O editorial que compõe esta análise traz nas suas evidências de sentido a polaridade que sempre esteve presente na imprensa brasileira, determinando sentidos para o leitor e, assim, reproduzindo e reforçando a hegemonia ideológica das classes dominantes. Historicamente, desde que nasceu, a imprensa brasileira assumiu um importante papel na legitimação de discursos políticos e governos, ora se colocando à favou e em outros momentos, contra. No período colonial, ela atuou com o propósito de incentivar a independência de Portugal. No período Imperial, os periódicos se dividiam entre escravocratas e abolicionistas e, no final do século XIX, entre monarquistas e republicanos. Já no século XX, a imprensa teve papel importante em acontecimentos que marcaram a história brasileira, como por exemplo, no período Vargas, na ditadura militar, no movimento das Diretas-Já, na eleição de Fernando Collor em 1990, durante os oito

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Recém-Graduada no Curso de Jornalismo da UNISUL-SC. Bolsista PIBIC/CNPq. Integrante do grupo de pesquisa(CNPq) Discurso, Cultura e Mídia. Mestranda no Programa de Ciências da Linguagem (PPGCL) da UNISUL-SC, e-mail: thaisteixeira.jor@gmail.com

---

anos do governo Lula e, mais recentemente, no golpe político/judiciário/midiático que tirou do poder a presidenta Dilma Rousseff. Nesse contexto, tivemos uma mídia que corroborou para reforçar a imagem de paladino da justiça, do ex-juiz e ex-ministro Sérgio Moro, na operação Lava Jato e inflar o sentimento antipetista na população, o que acabou culminando na eleição do atual presidente, Jair Bolsonaro.

Entendemos, portando, que a imprensa funciona como um Aparelho Ideológico de Estado, que Althusser (1985, p. 68) designa como sendo “um certo número de realidades que apresentam-se ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas”. Ainda segundo o autor, os AIE são instituições que não são públicas, mas que funcionam através da ideologia. Ou seja, os meios de comunicação funcionam como instituições que impõem suas ideologias produzindo um efeito de literalidade, ao mesmo tempo em que apaga o processo hegemônico de uma determinada interpretação. Como AIE, o papel da mídia é garantir um único sentido possível, mantendo a ordem e o alinhamento à ideologia dominante. É esse processo que Mariani (1998, pg.60) chama de funcionamento do discurso jornalístico, em que ao organizar sentidos possíveis para um acontecimento, os jornais nomeiam e produzem explicações, garantindo, dessa forma, somente a midiáticação dos acontecimentos. (MARIANI, 1998). Além disso, é por meio de repetições e paráfrases que a mídia organiza uma construção de sentidos apagando a interpretação e o contexto sócio-histórico dos fatos apresentados, assumindo um papel estratégico na formação da opinião pública, contribuindo para legitimar governos e acirrar o debate político.

A instituição jornalística ‘esquece’ que foi obrigada a fundar-se com uma interpretação do mundo previamente assegurado. O ‘esquecer’, aqui, é justamente o resultado da atuação da memória histórica da formação do tipo de discurso jornalístico. O resultado deste processo é a ilusão do jornalismo-verdade, ou seja, a ilusão de que os jornais são apenas testemunhas, meios de comunicação ou veículos informativos. (MARIANI, 1998; p. 81)

Sendo assim, o objetivo deste artigo é perceber como o discurso jornalístico produziu seus efeitos de sentido ao longo dos anos, principalmente a partir do momento em que passa a ser atravessado pelo discurso da globalização e pelo discurso empresarial. Também será analisado de que maneira o funcionamento do discurso jornalístico acontece nas suas diversas textualidades, produzindo os efeitos de sentido de imparcialidade e neutralidade. Para esta análise, direcionamos o olhar para os editoriais

---

do jornal Folha de São Paulo, sendo o *corpus* o editorial “Governo de Menos”<sup>3</sup>, publicado no dia 18 de fevereiro de 2020 no jornal impresso, no site e no Instagram da Folha de São Paulo.

O editorial de um jornal é um texto opinativo, que reflete o que aquela instituição pensa sobre um determinado assunto. Geralmente, os editoriais partem de temas atuais, com enfoque em fatos políticos, econômicos ou sociais que estiveram no centro do debate naquela semana. É a partir do editorial que conseguimos perceber esse jogo de filiações de sentidos realizado pelos processos discursivos da imprensa tradicional. Para Orlandi (2002) os efeitos de sentido são possível de serem compreendidos a partir do momento em que compreendemos a ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos. A autora ainda cita Pêcheux (1975), quando diz que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. (Pêcheux (1975) *apud* Orlandi (2005), p. 17). Então, se os sujeitos são sempre interpelados pela ideologia, é através dela que ele produz o seu dizer, utilizando estruturas de funcionamento que produzem evidências de sentidos.

Os sujeitos são afetados pela língua e pela história, sendo assim, Mariani (1998) entende o discurso jornalístico como um entrecruzamento da língua, da história e da sociedade. Segundo a autora, o discurso jornalístico atua de forma niveladora, organizando filiações de sentido possíveis para um acontecimento e operando como referência do que vemos e onde projetamos imaginariamente nossas reais condições. Desse modo, a imprensa de referência atua na institucionalização social de determinados sentidos, contribuindo, assim, na constituição do imaginário social. Abaixo temos as imagens do editorial nas três plataformas: no jornal impresso, no site e a peça utilizada para divulgação do Instagram da FSP.

---

<sup>3</sup> <https://acervo.folha.com.br/>. Acessado em set/2020

EDITORIAIS

Governo de menos

Gestão Bolsonaro carece de quadros, planos e articulação política — não raro, para o bem do país

É difícil, ou quase impossível, fazer uma avaliação puramente administrativa do governo Jair Bolsonaro, também a cargo ideológica que esse faz questão de despejar nos sobre intelições comezinhas. Ademais, a indagação do programa apresentado a campanha eleitoral não tem a devida comparação com os resultados obtidos. Esta Folha publicou no domingo (1) um balanço da evolução de indicadores econômicos, sociais, institucionais e ambientais no primeiro ano de mandato do presidente — que expõem um quadro insensível, desolador. Cumpre apenas, de certa, que os resultados dos desastres ocorridos durante de erros de gestão passadas. A má representação herdada por Bolsonaro, em particular, faz esta sociedade a sofrer com as ações de educação e saúde, a paralização da rede municipal e a interrupção de obras públicas. De mesmo modo, parte dos acertos também presentes contida em processos que já estavam em curso, como o controle da inflação, o corte dos juros, a criação gradual de vagas no mercado de trabalho e a queda dos homicídios. Importa identificar, ainda, o que governar de concreto para enfrentar os desafios insuperáveis — a instabilidade em sua distribuição, o Estado ineficiente em sua situação elementar, o atraso no ensino, as ta-

O QUE A FOLHA PENSA

Governo de menos

Gestão Bolsonaro carece de planos e articulação, não raro, para o bem do país



O presidente Jair Bolsonaro, em cerimônia no Planalto - Pedro Ladeira/Folhapress

18 Nov. 2020 às 20:00

EDIÇÃO IMPRESSA <https://www1.folha.uol.com.br/fp/2020/11/18/>

Figura 2: Site da Folha de São Paulo de 18 de fevereiro de 2020



Figura 3: Instagram da Folha de São Paulo em 18 de fevereiro de 2020

Figura 1: Folha de São Paulo 18 de fevereiro de 2020

No decorrer da análise, serão utilizados como sequências discursivas trechos do editorial publicado no jornal impresso e site da Folha de São Paulo, apresentados, respectivamente nas figuras 1 e 2, assim como o *post*<sup>4</sup> publicado no Instagram do jornal, apresentado na figura 3.

## A transformação do discurso político-ideológico no campo do Outro

Há alguns anos o Brasil vive imerso em uma onda conservadora e nacionalista, encabeçada pelo discurso empresarial e chancelada pelo discurso neoliberal. A imprensa tradicional, que como vimos anteriormente está alinhada aos discursos hegemônicos e das classes dominantes, tem papel fundamental nessa estrutura social que vem crescendo e ganhando corpo desde as eleições de 2014. Em um primeiro momento, o editorial “Governo de menos” trata de fazer uma avaliação do primeiro ano de governo do atual presidente Jair Bolsonaro. O editorial é publicado na segunda quinzena de fevereiro de 2020, quando a crise da covid-19 ainda não tinha atingido o país. Contudo, durante o período de análise do editorial o governo Bolsonaro passava por momentos turbulentos, como a CPMI<sup>5</sup> das Fake News, criada em 2019 para investigar ataques cibernéticos e o uso de perfis falsos na influência as eleições de 2018 e a troca de cadeiras ministeriais,

<sup>4</sup> Conteúdo publicado numa página na internet; postagem. Mensagem, texto, imagem ou qualquer outro conteúdo publicado na internet, especialmente em redes sociais

<sup>5</sup> CPMI – Comissão Parlamentar Mista de Inquérito do Congresso Nacional

---

que trouxeram mudanças no comando da Casa Civil e no Ministério da Cidadania. Além disso, o editorial é publicado praticamente um mês após o ex-Secretário da Cultura, Roberto Alvim, ter divulgado oficialmente um vídeo<sup>6</sup> parafraseando, estética e textualmente, o Ministro da Propaganda de Hitler, Joseph Goebbels. Todos esses acontecimentos são importantes para que possamos compreender os efeitos de sentido produzidos no editorial em questão, o que nos leva a sequência discursiva 1.

*SD1: É difícil, ou quase ingênuo, fazer uma avaliação puramente administrativa do governo Jair Bolsonaro, tamanha a carga ideológica que este faz questão de despejar até sobre iniciativas mezinhas.*

Como podemos perceber na SD1, o jornal expõe, logo de início, a sua dificuldade em fazer uma avaliação técnica e administrativa do governo Bolsonaro devido a carga ideológica presente. Quando o jornal coloca a “carga ideológica” como uma barreira para realizar a sua avaliação da gestão de Bolsonaro, ele produz alguns efeitos de sentido: (1) o da imparcialidade, ao dizer para o leitor que a análise feita pelo jornal, ainda que tenha sido difícil, não possuía nenhuma marca ideológica presente, garantindo, assim, a sua postura imparcial. (2) a neutralização e o apagamento do discurso político-ideológico. Ou seja, se o editorial está desprovido de ideologia na sua análise, não há um posicionamento político definido ali, o que vai ao encontro do discurso nacionalista dos “sem partido” e “meu partido é o Brasil”, que explodiu nas manifestações de 2013 e segue até hoje. Bom, como sabemos, não há sujeito sem ideologia, portanto, ao assumir a sua a posição-sujeito enquanto instituição imprensa, o jornal está interpelado pela ideologia da sua formação discursiva<sup>7</sup> dominante, que mesmo não aparecendo de imediato no editorial, está ali presente permeando todo o texto. Como nos coloca Mariani (1999; p. 111) “O discurso jornalístico tanto se comporta como uma prática social repetidora de certa ideologia quando, direta ou indiretamente, se deixa atravessar pelas muitas vezes divergentes também constitutivas da história”, e são justamente esses atravessamentos

---

<sup>6</sup> Vídeo de Roberto Alvim parafraseando Joseph Goebbels. Acessado em jan/2020: <https://youtu.be/61-99HUGbAs>

<sup>7</sup> De acordo com Orlandi (2005), a formação discursiva representa no discurso a formação ideológica, dada em uma determinada conjuntura sócio-histórica, também dada. É a formação discursiva que determina o que pode e o que deve ser dito. Desse modo, é possível compreender no funcionamento discursivo os diferentes sentidos produzidos. Ou seja, palavras iguais podem ter significados diferentes porque se inscrevem em diferentes formações discursivas.

---

que vão fazendo com que o discurso jornalístico, dentro de condições de produção específicas, vá fazendo sentido.

Desse modo, ao produzir esses efeitos de sentido, o jornal vai construindo um esvaziamento do discurso político-ideológico, direcionando o leitor para uma percepção puramente técnica, o que acaba, também, determinando a maneira como o jornal constrói a imagem de Bolsonaro para o leitor. Na perspectiva do editorial, a falta de competência, capital político e quadro técnico na gestão de Bolsonaro é o que impede os avanços necessários ao país. Contudo, o que é preciso observar é como essas filiações de sentido vão se consolidando no imaginário social. Ao minimizar as ações político-ideológicas do governo Bolsonaro, reduzindo-as a uma incompetência de gestão, o editorial abre espaço para que os discursos autoritários próprios dessas ações político-ideológicas do governo se proliferem. A falta de avanços e os desmontes promovidos na educação, saúde, cultura, meio ambiente, como traz o próprio editorial, são apresentados apenas como uma incompetência política, mas que não são executadas de maneira aleatória. Assim como o jornal não produz esse efeito de sentido de apagamento do discurso político-ideológico ao acaso.

O discurso jornalístico, em resumo, funciona *desambiguizando* o mundo, construindo modelos de compreensão da realidade (...) por contribuir na construção das evidências, a imprensa atua no mecanismo de naturalização de institucionalização dos sentidos, apagando alguns processos históricos em detrimento de outros. A imprensa, então, ajuda construir/desconstruir a memória histórica oficial num processo que para o leitor comum passa despercebido. (MARIANI, 1999; p.112)

Como vimos na SD 1, o jornal faz um movimento em que, logo no início do editorial, procura deixar a sua posição marcada para o leitor, produzindo os efeitos de neutralidade e imparcialidade, ao mesmo tempo que é atravessado pelo discurso nacionalista, produzindo, também, um apagamento do discurso político-ideológico. Seguindo, vamos olhar agora para a SD 2 e a SD 3, em que podemos perceber o atravessamento do discurso da globalização, produzindo outros efeitos de sentido que, junto com aqueles observados na SD 1 trarão para o leitor uma visão de mundo definida a partir da ideologia neoliberal.

*SD 2: Cumpre apontar, decerto, que muitos dos dados desfavoráveis derivam de erros de gestões passadas. A ruína orçamentária herdada por Bolsonaro, em particular, está*

---

*associada a deficiências nas ações de educação e saúde, à paralisação do salário mínimo e à escassez de obras públicas.*

*SD 3: A área econômica permanece a única que reúne quadros qualificados, conhecimento acumulado e alguma coerência programática.*

Na SD 2 o editorial busca equilibrar sua crítica a gestão de Bolsonaro, atribuindo boa parte da falta de avanços a falhas de gestões anteriores. Além disso, percebemos o atravessamento do discurso econômico quando o editorial frisa a “ruína orçamentária” como herança de Bolsonaro e, conseqüentemente, o motivo pelo qual, na avaliação do jornal, não houve os desenvolvimentos necessários neste primeiro ano de governo. Desse modo, o editorial não só minimiza a falta de gestão de Bolsonaro apontada no início, como produz um efeito de sentido de legitimação do discurso golpista que culminou no processo de *impeachment* da ex-Presidenta Dilma Rousseff em 2016<sup>8</sup>. Cabe lembrar que, como já mencionado anteriormente, a imprensa de referência atuou de maneira categórica no golpe contra Dilma, direcionando a opinião pública e acirrando o debate político.

As interpretações engendradas nos jornais fazem circular os sentidos hegemônicos que interessam às instâncias que os dominam (...) o funcionamento se dá numa mesma direção: seleção, inserção e aprisionamento dos acontecimentos numa ordem imaginária (que também é a ordem do discurso jornalístico) ou, em termos discursivos, a inserção numa rede de filiações de sentidos possíveis daquela formação social (MARIANI, 1999; p 112)

Seguindo para a SD 3, percebemos também a força do discurso econômico, quando o editorial coloca que o Ministério da Economia, encabeçado por Paulo Guedes com uma política neoliberal, é a única pasta do governo que reúne os quadros mais preparados e com uma agenda técnica definida. A SD 3 junto com a SD 2 são de extrema importância para o entendimento da formação discursiva dominante do jornal, assim como para compreender como o jornal coloca o discurso político-ideológico no campo do Outro. Vasconcelos (2019), cita Mariani (1998) quando diz que o discurso jornalístico está atravessado por um já-dito sobre Bem, o que acaba definindo um campo de

---

<sup>8</sup> Dilma Rousseff foi impeachmada e 2016 sob a acusação de ter feito pedaladas fiscais e autorizado a abertura de créditos suplementares sem a autorização do Congresso Nacional. Após o afastamento definitivo de Dilma, o seu vice, Michel Temer (PMDB), assumiu a Presidência do Brasil.

reconhecimento para o leitor de tudo o que constitui esse Bem. Desse modo, acontece a “distinção entre o campo do Mesmo e o campo do Outro, em que estar no campo do Mesmo é partilhar, simbolicamente, dos valores do Bem” (MARIANI, 1998; p. 83 *apud* VASCONCELOS, 2019; p. 380-381). Assim, Vasconcelos (2019) também traz a conceituação do campo do Outro, que seria o fazer parte do campo do Mal, daquilo que é negado. Ou seja, o Mal é necessário para a construção e identificação do Bem.

Com as transformações pós-Guerra Fria e o avanço do discurso da globalização, o campo do embate ideológico produzido pelo dualismo capitalismo (Bem) x comunismo (Mal), é substituído pelo discurso da globalização que passa a assumir a posição do Bem, ou seja, o campo do Mesmo. Nesse contexto, o discurso político-ideológico passa a ser visto no campo do Outro, ou seja, aquilo que vem para desestabilizar essa nova ordem social, configurando um novo dualismo representado pelo discurso da globalização (Bem) x os discursos político-ideológicos (Mal). Além disso, com o passar do tempo, a imprensa passa a depender cada vez menos de recursos estatais, dando mais espaço para anunciantes e mudando, definitivamente, o seu modelo de negócios para o empresarial. Essa mudança é o que possibilita com que a instituição imprensa seja interpelada pela ideologia neoliberal, desvinculando-se do Estado e passando a produzir no imaginário social uma visão de mundo direcionada, com o apagamento do discurso político-ideológico. Ainda na conceituação sobre o campo do Mesmo e o campo do Outro, Mariani (1998) explica de que maneira esse dualismo vai se solidificando.

há um consenso instaurado sócio-historicamente sobre o que é o Mal. Creio ser possível dizer, em termos discursivos, que se trata - o Bem / campo do Mesmo e o Mal / campo do Outro - de dois sentidos estabilizados e em circulação, ambos capazes de promover a identificação *a priori*, em função do efeito de reconhecimento, das situações em que os homens de bem estão sendo respeitados ou aquelas em que eles podem vir a ser atingidos em seus direitos de posse. (MARIANI, 1998; p. 91)

Em seu artigo O discurso da democracia: imprensa e hegemonia da ditadura empresarial-militar brasileira (1964-1968), Cláudio Beserra de Vasconcelos coloca que esse efeito de sentido de neutralidade produzido pela imprensa é útil “por dar ao locutor um distanciamento que lhe permite a emissão de opiniões, encobrando os seus interesses e sua atuação como aparelho privado de hegemonia”. Concordamos com Althusser (1985) quando ele coloca que a ideologia da classe dominante é realizada e se realiza por meio

do Aparelho Ideológico de Estado<sup>9</sup> e é justamente o que acontece com a ideologia neoliberal. É dentro dessa estrutura que o jornal vai reforçando o discurso hegemônico, principalmente quando acontece o deslocamento do editorial do jornal para a rede social Instagram, quando o jornal faz um recorte do editorial selecionando partes específicas a fim de publicizá-lo na plataforma. Ainda, cabe um olhar analítico para a foto que acompanha o trecho escolhido pelo jornal para a montagem do *post* publicado no Instagram, o que nos mostra que, como diz Orlandi (1998), todos os sentidos são produzidos em condições específicas e com uma direção histórico-social.

### **A posição-sujeito da imprensa brasileira e a reprodução das relações de produção na plataforma Instagram**

Como veremos a seguir, ao mudar de plataforma o editorial produz novos efeitos de sentido, alguns reforçando a ilusão do ‘efeito-verdade’ e outros fazendo com que o seu entendimento seja diferente daquele quando se faz a leitura na íntegra. Isso se dá devido a escolha de trechos específicos do editorial para a montagem do *post* publicado. É fato que a rede social escolhida para esta análise tem suas limitações técnicas, como a impossibilidade de colocar na legenda o link que direcione o leitor para a leitura do editorial completo. Esse mecanismo técnico faz com que o usuário/leitor, boa parte das vezes, se restrinja apenas ao conteúdo pertencente aquele *post* específico, deixando de lado o conteúdo completo. Ou seja, apenas uma parte do editorial é distribuída, com um direcionamento de sentido determinado que no processo de rede se expande, principalmente devido ao efeito de legitimidade produzido pelo jornal ao longo dos anos. Vejamos a sequência discursiva 4:

*SD 4: É difícil, ou quase ingênuo, fazer uma avaliação puramente administrativa do governo Jair Bolsonaro, tamanha a carga ideológica que este faz questão de despejar até sobre iniciativas mezinhas.*

---

<sup>9</sup> Althusser (1985), parte da teoria marxista para definir o que seriam os Aparelhos Ideológicos do Estado. Em um primeiro momento, ele passa a denominar o Aparelho de Estado (AE), compreendido por governo, administração, exército, polícia, tribunais, prisões e etc, como aparelho repressivo do Estado, o que significa dizer que esse aparelho do Estado funciona pela violência (físicas ou não). Nesse mesmo contexto, o autor apresenta o conceito de aparelho ideológico do Estado, que ao contrário do repressivo, são realidades que se apresentam em forma de instituições distintas e especializadas. Além disso, ele coloca que enquanto o Aparelho (repressivo) do Estado, de maneira unificada, é de domínio público, a maior parte dos Aparelhos Ideológicos do Estado são de domínio privado.

A SD4 foi o trecho escolhido para fazer parte da imagem de divulgação do editorial no Instagram. Como podemos ver na figura 3 o jornal destaca na imagem os trechos “difícil”, “avaliação puramente administrativa” e “carga ideológica”. Esses trechos, quando analisados discursivamente, reforçam os efeitos de sentido de neutralidade e imparcialidade intrínsecos do discurso jornalístico. Assim como no editorial completo, aqui o jornal também se faz o apagamento do discurso político-ideológico ao reforçar a dificuldade em fazer uma análise “puramente administrativa” da gestão Bolsonaro devido a “carga ideológica”. Vejamos outro trecho escolhido pelo jornal para a divulgação do editorial, agora presente na legenda do *post*

*SD 5: Importa identificar, assim, o que o governo faz de concreto para enfrentar os desafios inescapáveis —a estagnação da renda nacional e a iniquidade em sua distribuição, o Estado ineficiente e em situação falimentar, o atraso no ensino, as taxas alarmantes de violência. O saldo, até aqui, está longe de animador. A área econômica permanece a única que reúne quadros qualificados, conhecimento acumulado e alguma coerência programática.*

Ao deixar de fora o trecho em que o editorial fala que boa parte dos problemas de avanço da gestão de Bolsonaro era devido a “ruína orçamentária” que recebeu de herança das gestões anteriores, o jornal produz um efeito de sentido em que estaria em oposição ao atual governo, optando por publicizar apenas os trechos mais críticos a Bolsonaro. Contudo, podemos perceber que as marcações da formação discursiva dominante, assim como a posição-sujeito do jornal se mantêm, principalmente ao inserir na legenda da publicação a avaliação de que a pasta econômica é a única com “quadros qualificados, conhecimento acumulado e alguma coerência programática”. Ou seja, quando olhamos para a SD 4 e a SD 5 e entendemos que ambas fazem parte de uma textualidade única, que é o *post* publicado no Instagram, notamos que o jornal produz um efeito de sentido para o leitor/usuário de um olhar técnico, crítico e desprovido de interferências político-ideológicas. A escolha de não colocar o trecho que fala sobre a herança das gestões anteriores faz com que o entendimento completo sobre a opinião do jornal se modifique, é o que Flores (2018) entende pela diferença entre informar e noticiar no discurso jornalístico:

Noticiar e informar na perspectiva discursiva tem a ver com a posição-sujeito assumida no discurso jornalístico (...) A diferença entre notícia e informação está na formulação do dizer de uma determinada discursividade, porque ao transportar um acontecimento de uma discursividade para outra, apagando a historicidade e as condições de produção do acontecimento, aquele dizer passa a ser interpretado pela historicidade, pela memória do discurso jornalístico que produz uma nova interpretação.(...) Portanto, as condições de produção nesta nova discursividade, justifica a interpretação que o jornalismo vai dar, produzindo o sentido de neutralidade. (FLORES, 2018; p.304-305)

Seguindo na análise do editorial, por fim, olharemos para a foto que compõe a imagem de divulgação do *post* no Instagram, presente na imagem 3. Assim como o destaque de palavras específicas na imagem, a escolha da foto de Bolsonaro descendo da rampa do Palácio do Planalto, virando o tronco para uma direção e os pés apontando para outra direção, não foi ao acaso. A foto, em um primeiro momento, busca apresentar um Jair Bolsonaro confuso, sem saber para onde está indo – ou levando o país. Ela também produz um efeito de sentido que reforça a ideia de uma gestão incompetente, apresentada logo no início do editorial. A foto de Bolsonaro<sup>10</sup>, junto com o trecho selecionado para inserir na imagem e as palavras que foram destacadas, produz um efeito de sentido de crítica ao governo, como se o jornal tivesse se colocando no campo da oposição, quando o movimento é o de apagamento do discurso político-ideológico, promovendo um esvaziamento do debate, cristalizando a imagem de incompetência de Bolsonaro e minimizando seus discursos autoritários, que se apresentam de maneira deliberada em cada ação da sua gestão. Desse modo, entendemos que a construção do *post* como se deu marca a posição-ideológica do jornal, evidencia o discurso neoliberal e acirra o debate político em torno da crítica a gestão de Bolsonaro. É desse modo que o jornal constrói a narrativa da imparcialidade e da neutralidade dentro do discurso jornalístico no Instagram.

---

<sup>10</sup> Percebemos que a foto de Bolsonaro utilizada no editorial se comporta como uma paráfrase da foto de Jânio Quadro, tirada em abril de 1961, quando o ex-presidente estava em uma ponte em Uruguaiana (RS). A foto de Jânio com as pernas em direção opostas ao tronco demonstrava a percepção que se tinha do ex-presidente na época, um político com uma personalidade dual, assim como também faz referência às tensões políticas que acabaram culminando no golpe militar de 1964.

## CONCLUSÃO

O editorial selecionado para a produção deste artigo faz parte da pesquisa de iniciação científica que procurou estudar os Aparelhos Ideológicos do Estado e posição-sujeito da imprensa brasileira, com o objetivo de compreender o funcionamento do discurso jornalístico com seus diversos atravessamentos e como ele produz os sentidos de imparcialidade e neutralidade, a partir da análise discursiva dos editoriais da Folha de São Paulo, no jornal e na plataforma Instagram. Ainda que as conclusões até o momento tenham sido provisórias, uma vez que há ainda um vasto campo de pesquisa dentro desta área, ainda mais quando tratamos da relação do discurso jornalístico com as novas tecnologias midiáticas, como as plataformas de rede social, conseguimos apontar alguns resultados que destacam as evidências de sentidos deixadas pelo jornal nos seus editoriais. Em “Governo de menos”, percebemos um forte atravessamento do discurso da globalização desde o início, quando o jornal se propõe a fazer uma análise “técnica” e “puramente administrativa” do primeiro ano do governo Bolsonaro. Para Orlandi (1998) o discurso da globalização produz “efeitos de sentido que se sustentam no apagamento da distância entre Governo, Estado e Teoria Política”. Complementando a sua análise sobre o discurso da globalização, Orlandi (1998) ainda coloca que:

Esse discurso procede por amálgama: tudo em um. É um discurso cujo argumento principal, sabe-se, é econômico (empresarial). Que os argumentos sejam a bio-diversidade, a relação norte-sul etc., pouco importa. Não nos afastamos nem um milímetro da ordem discursiva do capitalismo. (...) É por estas construções do saber que se institucionaliza a ideologia do “global” produzindo tecnologias e formas administrativas. (...) Quanto ao político, esse jogo de significações se apresenta sob a forma de um discurso muito preciso, como se sabe, o discurso neo-liberal (ORLANDI, 1998; p.79)

É desse modo que o discurso jornalístico, atravessado pelo discurso da globalização, vai reforçando a ideologia neoliberal a partir dos efeitos de sentido de neutralidade e imparcialidade, fazendo um apagamento do discurso político-ideológico e se colocando ao lado das classes dominantes, em uma rede de filiações de sentido que reproduzem e reforçam essa hegemonia. Além disso, cabe destacar que mesmo com a mudança de plataforma para a publicização do editorial, a posição-sujeito da imprensa de referência se mantém, assim como a sua formação ideológica, embora haja uma mudança

nos efeitos de sentido produzidos que difere dos efeitos de sentido produzidos no editorial completo. Aqui, percebemos que a escolha dos trechos e da foto para a construção do *post*, ao mesmo tempo em que cristalizam a imagem produzida de Bolsonaro no editorial completo, coloca o jornal em um campo de oposição ao governo, enquanto no editorial completo há trechos importantes que produzem um efeito de sentido de equilíbrio em relação ao que o jornal pensa sobre a gestão de Bolsonaro, imputando a gestões anteriores boa parte da falta de avanços e desenvolvimentos no país.

Ao mesmo tempo, também podemos perceber que quando o jornal, logo no início – tanto no editorial completo como no Instagram – coloca que a sua análise do primeiro ano da gestão Bolsonaro é livre da “carga ideológica”, ele está reforçando seu efeito de sentido de imparcialidade e neutralidade, dizendo ao leitor que a análise não toma lados e não possui direcionamentos ideológicos. Além disso, o jornal promove um apagamento do discurso político-ideológico, colocando este no campo do Outro e definindo o discurso da globalização como o campo do Mesmo. Aqui, vimos também o atravessamento de outras formações discursivas, como o discurso nacionalista, também próprio da gestão de Bolsonaro e que tem crescido no Brasil nos últimos anos. Ao explicitar a forma como o discurso jornalístico funciona, Mariani (1998; p.61-62) afirma que “(...) o discurso jornalístico atua à semelhança de um discurso pedagógico em sua forma mais autoritária (...) no discurso jornalístico mascara-se um apagamento da interpretação em nome de fatos que falam por si”. Desse modo, é possível compreender o funcionamento do discurso jornalístico nesse processo de transmidiático feito pelo jornal, assim como identificar nas diferentes textualidades os efeitos de neutralidade e imparcialidade do/no discurso jornalístico.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado – notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado**. 2.ed. São Paulo: SP. Ed. Graal. 1985

FLORES, Giovanna B. **O político no discurso jornalístico: sentidos de notícia e de informação**. In: SCHERER, A; MEDEIROS, C; OLIVEIRA, S. *Linguística de nosso tempo: teorias e práticas*. Santa Maria. Ed. UFSM, 2018

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa. Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989**. Rio de Janeiro: Editora Revan; Campinas: Editora Unicamp. 1998.

MARIANI, Bethania. “**Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico: a Revolução de 30.**” In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: SagraLuzzatto, 1999, p. 102-121

ORLANDI, E. P. “**Discurso e argumentação: Um observatório do político**”. Fórum Linguístico, n. 1. Florianópolis, jul-dez., 1998, pp. 73-81

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso. Princípios e procedimentos**. Campinas:SP, Editora Pontes, 2005.

VASCONCELOS, Cláudio Beserra de. **O discurso da democracia: imprensa e hegemonia da ditadura empresarial-militar brasileira (1964-1968)**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 365 - 401, set./dez. 2019.